

O QUE O CETICISMO NOS LEVOU A PENSAR?

Anais do I Encontro sobre ceticismo da Universidade Estadual do Ceará.

Os textos aqui publicados são frutos do *I Encontro sobre ceticismo da Universidade Estadual do Ceará*, realizado entre os dias 22 e 25 de fevereiro de 2016, no Centro de Humanidades (CH - Campus Fátima), na cidade de Fortaleza - CE. Foi a partir de uma constatação que se resolveu promover tal Encontro. Entre debates nas salas de aulas, conversas no pátio do CH e outros esbarrões no Cantinho da Filosofia, percebeu-se que, ao apresentarem seus temas de predileção, alguns dos estudantes e professores enxergavam em perspectiva, relativizavam universais, destronavam critérios, acolhiam impressões, capturavam fenômenos, observavam equipolências e, de modo circunstancial, arriscavam-se em suspender seus juízos. Como se bom grado, mau grado, suas falas reverberassem inquietações céticas, sejam elas de ordem epistemológicas, éticas ou ainda políticas.

Isso se deve, mais do que provavelmente, à influência do professor Ruy de Carvalho que há alguns anos vem nos apresentando, ora de modo histórico, ora de modo ensaístico, as diversas potencialidades que o ato de duvidar trouxe, e ainda pode trazer, à Filosofia. Entusiasmados pelo hábito do quadro de professores do nosso departamento em promover encontros acerca de filósofos consagrados, tais como, entre outros, Santo Agostinho, Benedictus de Spinoza, Giambattista Vico, Georg W. F. Hegel, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, ou, ainda, Michel Foucault; nos pareceu pertinente tentar compor com tais iniciativas, expressando publicamente as *vias* céticas emprestadas por alguns dos pesquisadores dessa mesma comunidade científica.

Eis porque, resolvemos convidar estudantes e professores a expor, de modo amplamente livre, suas impressões e demais usos do ceticismo. Sem restringir nosso

Encontro a um tema, período, autor(a) ou método específico, tratava-se, em suma, de perguntar aos conferencistas o que o ceticismo os levava a pensar: que problemáticas e embates ainda podiam extrair dessa postura filosófica, nascida na Grécia, por volta do IV século antes da era cristã?

Ao repassar os textos para a presente publicação, verificou-se que Ronney Praciano, Leonel Olimpio e Helly Lucas inclinavam-se em adotar uma abordagem histórica da Filosofia. De modo preciso irão ora cotejar textos específicos, ora cuidar de suas fortunas ou recepções críticas. De Hume a Gettier, passando por Wittgenstein, giraremos essencialmente em torno de questões epistemológicas, intimamente entrelaçadas, no meio das quais cada autor irá de algum modo se situar, se posicionar adotando estratégias céticas.

Apoiando-se na *Investigação Acerca do Entendimento Humano* (1748), Ronney Praciano nos apresentará a problemática enfrentada por David Hume quanto à natureza do nosso conhecimento da experiência. Embora, observa Hume, não possamos ter uma certeza demonstrativa a respeito dos fatos da realidade (dizemos “amanhã o sol nascerá”, mesmo que a possibilidade contrária não possa ser negada), nós nos asseguramos deles na experiência e os consideramos evidentes. Assim sendo, “o que nos determina a contar com o que ainda não é”? Ou, segundo a bela fórmula empregada por Ronney: “o que nos impele inexoravelmente ao porvir”?

Abordando o problema do conhecimento da experiência sob o prisma da linguagem, Leonel Olímpio partirá das objeções de Ludwig Wittgenstein (*Sobre a certeza*, ~1949-51) aos argumentos avançados, notadamente por George E. Moore (*A defesa do senso comum*, 1925), acerca da existência de “verdades empíricas das quais não se pode duvidar”. A partir dessa querela, Leonel se perguntará em que medida a distinção operada pelo filósofo austríaco entre *certeza* e *conhecimento* revelar-nos-ia a pretensão do mesmo em adotar uma postura epistemológica suspensiva. Se para Wittgenstein “precisamos antes de duvidar, saber se faz sentido duvidar”, não seria ele, indaga Leonel, um filósofo que “duvida da dúvida” e que, por conseguinte, assumiria um modo investigativo de cunho “metacético”?

Atento aos filósofos contemporâneos que consideram ser a pergunta acerca da justificação epistêmica preliminar à própria pergunta sobre a natureza do conhecimento, Helly Lucas irá, por sua vez, mapear algumas tentativas recentes de resolução do chamado “problema de Gettier”. Partindo do artigo “Is Justified True Belief Knowledge?” (1963), no qual Edmund Gettier procura refutar a definição tradicional do conhecimento (a “DTC” como crença verdadeira justificada), Helly tencionará determinar se, ao procurarem assegurar a “infallibilidade da justificação epistêmica das crenças” para solucionar o “problema de Gettier”, os epistemólogos coerentistas, fundacionistas, internistas e externistas nos apresentariam teses aptas a resistir aos assédios de argumentos céticos, tais como os de regresso ao infinito e de circularidade.

Noutras palavras, pergunta Helly, em que medida seria viável assentar a existência de um critério último e, portanto, não aporético para a justificação?

Concomitantemente ao ceticismo epistemológico até então delineado, Henrique Azevedo, Bruno Cavalcanti e Ruy de Carvalho, autores dos três textos seguintes, abordarão temas mais explicitamente cosmológicos, antropológicos, éticos, econômicos ou, ainda, políticos. Veremos, ademais, que optaram por redigir textos de cunho ensaísticos, em que os filósofos serão antes convocados como aliados e suas teses, como caixas de ferramentas, manejadas para enfrentar questões preferencialmente contemporâneas.

Diagnosticando que o “ocidente greco-romano-cristão é cético em relação ao não espelho” e, por conseguinte, patologicamente narcísico, Henrique Azevedo não irá perguntar se é possível, ou se é mesmo preciso, pensar o *outro* “sem partir ou chegar a nós mesmos”, pois, como frisa, ainda seriam maneiras de formular questões que “não passam de reverberações do modo europeu de se perguntar sempre por si mesmo”. Aspirando, à luz de suas leituras de Pierre Clastres e Viveiros de Castro, descolonizar pensamentos e modos de vida eurocentrados, Henrique perguntará, tanto a si mesmo, quanto aos seus leitores: o quão seríamos “capazes do outro”? Dito de modo mais preciso, tratar-se-á de saber até que ponto seria possível exercitar aquilo que Henrique denomina de *transoutridade*, isto é: a faculdade de enxergar o *outro* sem “sacralizar a si mesmo como grande espelho do cosmos”, envolvendo-se, pois, num processo de “desesgoistização” capaz de “reinventar todo o nosso ordenamento social”.

Bruno Cavalcanti irá, no que lhe concerne, partir de um primeiro diagnóstico: tudo parece indicar que o capitalismo, enquanto “geocultura de legitimação” do humanismo como narrativa, já tenha perdido sua validade. Na esteira de Paulo Arantes, atentar-se-á para o modo segundo o qual nossa “nova era de expectativas decrescentes” reconfigura e se impõe aos desejos. Noutra termos, frente ao encolhimento do globo e a redução dos horizontes temporais ao momento presente: “o horizonte de desejo tende a zero”. Isso posto, Bruno nos apresentará um segundo diagnóstico. Partindo, dessa vez, de suas leituras de Peter Sloterdijk e Ruy de Carvalho, constatará que: “o cinismo enganchado na história das ideias aparece na contemporaneidade como indicador de uma crise da cultura em declive com as contradições do mundo capitalista”. Se assim for, de que modo o cinismo contemporâneo configuraria “um novo tempo” e nos conduziria “a um futuro irreconhecível, inexperimentável”? Estaria a vida cínica apta a “encontrar um tempo ainda mais interno que conhece apenas o agora, ao invés desse presente que nos espreme no vórtex das expectativas e reminiscências”? Para Bruno, tratar-se-á, em suma, de expor as estratégias que o cínico - esse filósofo das crises - adota para “reorientar o curso da sua existência” e, com isso, poder “fugir do tempo e se entremear no espaço”.

Por ter, muito recentemente, assumido a Direção dos onze cursos que compõem o Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, Ruy de Carvalho teve de

“desafiar o ser” para, de algum modo, contribuir à presente edição. Não podendo, frente aos “ossos do ofício”, transcrever a fala por ele proferida durante o Encontro sob a forma de artigo, resolveu nos brindar com algo que se assemelharia a uma carta de intenções ou, como ele mesmo define, a um tipo de solução ou de síncope. Ruy nos apresentará, pois, as premissas de um artigo ainda não escrito, os pontos de partida de um projeto há muito ruminado. Evitando reduzir o ceticismo ao cerco epistemológico e procurando enfrentar as críticas tradicionalmente direcionadas à vida cética - considerada inviável e/ou conformista - Ruy acentuará as tonalidades “clínicas” e “antropológicas” dessa postura filosófica. O ceticismo seria *clínico*, porque “mais interessado na dor e no sofrimento que o dogmatismo causa a si e aos outros”; *antropológico*, porque comprometido com “uma certa maneira de viver, em um mundo e com os outros, em que o problema do sofrer e do fazer sofrer teriam a primazia frente à questão acerca da verdade, da crença, da certeza ou ainda do fundamento”.

Apesar das diversas abordagens e problemáticas aqui enunciadas, constatou-se que os autores foram particularmente sensíveis às incidências da(s) experiência(s) no âmbito do conhecimento e, por extensão, da ética. Ronney, Leonel e Helly irão, cada um à sua maneira, realçar os limites que os *hábitos*, as *crenças*, os *consensos*, os *sentidos* e as *singularidades* irreduzíveis de cada “objeto de conhecimento” afixam às pretensões da razão humana em: determinar aprioristicamente os fatos, saber absolutamente (inclusive por meio da linguagem) e encontrar uma definição universal do conhecimento. De outro lado, antes de recorrer ao arsenal cético para frisar as “indeterminações”, os “silêncios” ou as “aporias” que as experiências parecem “impor” às tentações absolutistas, Henrique, Bruno e Ruy se esforçarão em fazer das percepções fenomênicas um meio de pensar e, por conseguinte, de agir no mundo. Mais do que precariedades epistemológicas, serão potências éticas que, no cerne das experiências, procurarão entrever e destacar. Henrique encontrará nos costumes e pensamentos de alguns povos ameríndios sul-americanos expressões notáveis, encarnações factuais e parciais do conceito de *transoutridade* por ele proposto. Bruno irá associar a vida cínica à capacidade de fazer de si mesmo um *protótipo*, que atua arriscando-se nas circunstâncias disponíveis no *agora*. Por fim, o ceticismo *clínico* e *antropológico* anunciado por Ruy procurará tornar a filosofia potente, desde que motivado pela percepção dos sofrimentos, pelo perscrutar dos afetos tristes, produzidos por aquilo ou aqueles que santificam os suplícios.

Em todos os casos, tudo se passa como se os autores não apenas se esforçassem em “seguir os fenômenos”, para falar como Sexto Empírico, mas em permanecer igualmente no espaço e no tempo que lhes são próprios. Sem propor nenhuma “porta de saída”, seja ela transcendente ou imanente, suscetível de reduzir o múltiplo ao uno e de neutralizar a variabilidade dos dados fenomênicos, os autores persistem, numa forma sadia de “teimosia”, em habitar a Terra. Recusam-se em dissociar o filosofar da vida experienciada e, como já entrevemos, nutrem-se para escrever: da força do hábito, das consequências dos consensos, da peculiaridade dos objetos, das diversidades

cosmológicas, das oportunidades circunstanciais e, por fim, dos estímulos dos afetos nos corpos, logo no pensar.

Alheios às grandes sínteses disjuntivas, todos parecem aqui cevar uma aproximação entre razão e experiência, isto é: compor uma relação em que ambos os conceitos não se excluam, porém se abasteçam, retroalimentem-se num embate sem fim. Em conversas que mais alongam do que cerceiam, forjam diálogos sem vencedores e vagueiam num tempo *aiônico*, tensional e insolúvel, que força ao incessante descentramento de si, à contínua descrença no *mesmo* e no *absoluto*. Fazendo da escrita um exercício de resistência à idolatria do eu, tudo indica que tendem a declinar o convite feito, ou imposto, pelas visões polarizadas do mundo. Resolveram, pois, não escolher entre *A ou não-A*, amigo *ou* inimigo, civilizado *ou* bárbaro, bem *ou* mal, verdadeiro *ou* falso, racional *ou* empírico, razão *ou* experiência... No lugar de advogar por partidos, escolas, conceitos ou teorias puras, os autores aqui expostos parecem ter encontrado, ou estar à procura, de uma maneira de “sujar as mãos”: trabalham as contradições demorando-se em seus pântanos, percorrem as tensões sem delas se furtar por meio de resoluções. Algo como uma tentativa de se filosofar espreitando fenômenos, capturando o diverso e ocupando o *agôn* para, no fundo, (re)inventar problemas.

E la nave va...

Gratulações diversas:

Para fazermos nossos devidos agradecimentos será preciso mencionar, brevemente, o contexto político em que ocorreu nosso *I Encontro sobre o ceticismo*. Realizado durante um período particularmente tenso e, portanto, igualmente rico, do Campus Fátima, que passava, como muitos diziam, por uma “crise institucional” envolvendo tudo e todos; promover qualquer tipo de atividade acadêmico-cultural, usufruir do auditório ou, de modo mais elementar, simplesmente “dar aula”, já não eram práticas assim tão evidentes ou, até mesmo, “toleradas”.

Eis porque, nos apressamos em expressar nossa profunda admiração aos atuais coordenadores do Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Sem jamais ceder aos clamores do autoritarismo e isentos de qualquer cacoete dogmático, os coordenadores e professores Eliana Sales Paiva e João Emiliano Fortaleza de Aquino demonstraram o quão, para eles, as Filosofias - para além de suas vertentes e manifestações específicas - mereciam espaço, eram dignas de serem ouvidas, acolhidas e, como se espera de um Centro de Humanidades, criticadas pelos “transeuntes” do Campus Fátima. Pela sensibilidade e determinação em garantir o devido amparo institucional ao nosso Encontro, transmitimos nossa gratidão.

Contando com uma equipe experiente e por demais competente, agradecemos evidentemente os funcionários, estudantes e pesquisadores que, sempre

compromissados com as atividades acadêmicas e culturais do CH, participaram de modo decisivo à organização e divulgação do presente Encontro. Obrigado àqueles que conosco navegaram, entre outros: Beatriz Lima, Clara Kevilla, Daniella Matias, Emília Lira, Erika Raianny, Maria Antônia Pinheiro, Suzana Magalhães, Stella Maris, Thaís Cruz, Valeria Raulino, Emídio Neto, Ivan Braga, Paulo Henrique Silva, Paulo Lima, Samuel Fonteles e Samuel Prado.

Pela cumplicidade mágica e insistência em fazer perguntas exigentes, quando não, endiabradas durante os debates (e outros embates), queríamos aproveitar a oportunidade para saudar @s inesquecíveis: Amanda de Melo, Ana Carolina, Anne Helen, Anninha Fernandes, Beatriz Martins, Catarina Silver, Dara Reis, Elane Fideles, Irlana Melo, Isadora Paiva, Julia Catharina, Karol Rodrigues, Luiza Ferreira, Mariana Lacerda, Marry Antoine, Natyelle Martins, Palloma Soares, Viene Ferreira, Adriano Cardoso, Alexandre Mendes, Álvaro Lins, Bergson Melo, Breno Mendes, Carlos Henrique, Cesar Freitas, Djibril Perreira, Dju Livam, Dovale Iago, Edson Sá, Emanuel Machado, Fábio Rodrigues, Felipe Coelho, Felipe Castro, Henrique Garrel, Jaderson Nobre, Igor Mateus, Jair Soares, Lailson Fernandes, Leandro Ordnael, Natan Oliveira, Paulo Jorge Leandro, Pedro Henrique Magalhães, Leonardo Nascimento, Leonardo Pinheiro, Lucyen Franco, Matheus Rodrigues, Mario Castro, Pedro Henrique, Robson Breno, Rodrigo Noronha, Samuel Acácio, Wellington Coelho, Ygor Barros e tantos outros que vitalizam e viralizam tudo que tocam.

Congratulamos os conferencistas que, de maneira espontânea e decidida, atenderam ao nosso convite. Estejam certos de que a qualidade ímpar de suas investigações tem sido, para nós, de suma importância. Pela beleza do gesto e generosidade das falas agradecemos, pois, todos que se dispuseram a remanejar seus textos para a presente publicação, assim como aqueles que, como eu, não puderam fazê-lo a tempo, por motivos diversos e compreensíveis. Obrigado, pois, aos que, num contágio alegre, nos presentearam com as seguintes falas: Airton Uchoa ("O ceticismo malandro de Brás Cubas"), Bruno Cavalcanti ("O Cinismo e o uso das próteses"), Felipe Rocha ("Montaigne e o ceticismo na Apologia de Raymond Sebond"), Glauber Holanda ("ΣΚΕΨΙΣ (SKĒPSIS): os cétricos como grandes intelectos da história da filosofia"), Helly Lucas ("O efeito aporético na discussão sobre a justificação epistêmica"), Henrique Azevedo ("Céticos em relação ao não espelho: civilização x transoutridade!"), Leonel Olímpio ("Wittgenstein e a Certeza"), Ronney Praciano ("Hume e o ceticismo") e Ruy de Carvalho ("Que política para o cético?").

Não podíamos deixar de agradecer a professora Ilana Viana do Amaral que, em meio ao turbilhão de afetos durante o qual o Encontro se deu, teve a sagacidade de dar início, nesse mesmo período, ao "Transpassando" (Programa de Formação de Travestis e Pessoas Transgêneras, PROEX-UECE). Inserindo no âmago do Campus Fátima aquilo que consideramos ser um, mais do que saudável, polo de resistência ao discurso do ódio, Ilana soube oxigenar nossos ares. Pesquisadores que, como nós, encontram-se em maior

ou menor grau animados por uma verve cética e que, portanto, são particularmente sensíveis a questões postas pela diversidade dos “usos e costumes”, solidarizam-se alegremente com tais estratégias de recusa e desnordeio de práticas excludentes que rondam, senão, estruturam nossas Instituições.

O professor Eduardo Nobre Braga será aqui uma menção incontornável. Bárbaro saltitante, cuja nobreza se expressa na lucidez de um olhar afiado e cirúrgico, Braga tem sido um personagem conceitual - vertiginoso e potente - do Campus Fátima. Desarmando, com a delicadeza da Loucura erasmiana, todo discurso *prêt-à-porter* - saturado por consolos metafísicos e outras “boas intenções” -, Braga soube bailar entre afetos, conseguiu deslocar perspectivas, curto-circuitar dogmas e propulsar o Curso de Filosofia a maquinar uma respiração própria; a experimentar - ocupando o “aqui e agora” - um futuro sem rosto, irreconhecível. Pela vida insuflada, um beijo Eduardo!

Dedicamos a presente edição ao quadro dos professores do Centro de Humanidades da Uece, cujos ensinamentos e iniciativas nos inspiram diariamente. Como forma de reconhecimento, transmitimos nossos sinceros agradecimentos aos(as) professores(as): Adriana Barros, Cristiane Maria Marinho, Laura Tey Iwakami, Maria Terezinha de Castro Callado, Marly Carvalho Soares, Sylvia Peixoto Leão, Viviane Magalhães Pereira, Alberto Dias Gadanha, Alexandre de Moura Barbosa, Antônio Glaudenir Maia Brasil, Antonio Vieira da Silva, Emanuel Angelo da Rocha Frago, Estenio Ericson Botelho de Azevedo, Francisco Auto Filho, Francisco Luciano Teixeira, Francisco Venceslau de Oliveira, Itamar Lopes de Azevedo, João Bosco Rodrigues, José Expedito Passos Lima, Luís Alexandre Dias do Carmo e Reginaldo Rodrigues da Costa.

Por último, mas não menos importante, gratificamos os membros do Apoená (Grupo de Estudos Schopenhauer – Nietzsche), por ter-nos concedido espaço em sua Revista *Lampejo* e, como sempre, apoiado incondicionalmente. Pela confiança, competência e relevância da Revista *Lampejo* para o presente contexto intelectual, cumprimos calorosamente: Herlany Siqueira, Luana Diogo, Marília Bezerra, Átila Monteiro, Daniel Carvalho, David Barroso, Gustavo Costa, Gustavo Augusto, Henrique Azevedo, Paulo Marcelo Brito, Pedro Moura, Rogério Moreira, Ruy de Carvalho, Thiago Mota e William Damasceno.

A tod@s, o nosso muito obrigado!

Fabien Pascal Lins

Doutorando em Filosofia (Unicamp – Bolsista Capes).

Coordenador do *I Encontro sobre ceticismo da Universidade Estadual do Ceará* e Organizador da Edição Especial da Revista *Lampejo: O que o ceticismo nos levou a pensar? Anais do I Encontro sobre ceticismo da Universidade Estadual do Ceará*.

E-mail: fabienlins@hotmail.com